

COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DA TRILHA DO BARÃO NO PARQUE ESTADUAL DE GRÃO MOGOL, MINAS GERAIS

Autores: JOICY RUAS ANTUNES, DIEGO TAVARES IGLESIAS, PRISCILA SOUZA SILVA, ANIELE DE CÁSSIA RODRIGUES VELOSO, KAREN LUIZA RODRIGUES DUARTE, RUBIA SANTOS FONSECA, ISLAINE RANCIELY PINHEIRO DE AZEVEDO

Composição Florística da Trilha do Barão no Parque Estadual de Grão Mogol, Minas Gerais

Introdução

Os campos rupestres ocupam áreas com altitudes elevadas, com afloramentos rochosos e são caracterizados pela grande riqueza na sua composição florística, sendo comuns os altos índices de endemismos e raridade encontrados nesses locais. No entanto, o campo rupestre é ameaçado pela intensa e progressiva descaracterização que vêm sofrendo pelas ações antrópicas (Menezes & Giulietti 2000). Esse tipo de fisionomia do Cerrado ocorre predominantemente no complexo da Cadeia do Espinhaço, formado por numerosas regiões elevadas conhecidas como Serras, com nomes individuais, que se estendem de Minas Gerais a Bahia. Dentre elas, encontra-se a Serra de Grão Mogol, situada a nordeste do estado de Minas Gerais, em posição intermediária e disjunta das outras porções do Espinhaço. Devido a essa localização, a região apresenta uma vegetação característica e composição florística peculiar, com alto índice de endemismo e populações restritas (Pirani et al 2003). Em 1998, pelo Decreto nº 39.906/1998 foi criado o Parque Estadual de Grão Mogol, e redefinido no decreto nº 45.243/2009, com uma área de 28.404,4870 ha. O Parque é formado principalmente por cadeias de montanhas que se estende pela Serra do Espinhaço, conhecida na região como Serra da Bocaína. Devido a importância da Cadeia do Espinhaço para a conservação da biodiversidade de Minas Gerais, e a pouca estruturação, o Parque Estadual de Grão Mogol está fechado para visitação. Dentre as trilhas que se encontram na área, a “a trilha do Barão” destaca-se pelo valor histórico-cultural da cidade de Grão Mogol.

As experiências vivenciadas em meio à natureza desempenham um papel muito importante na conscientização ambiental das pessoas, principalmente em atividades de ecoturismo comprometidas com a conservação da natureza (Bueno & Pires 2006). Além da importância educativa, o ecoturismo proporciona um desenvolvimento econômico local, por meio do turismo, paltado na conservação. O objetivo deste estudo foi caracterizar a flora da trilha do Barão, considerando sua representatividade dos campos rupestres e estado de conservação.

Material e métodos

Área de trabalho

O presente trabalho foi realizado na Trilha do Barão, pertencente ao Parque Estadual De Grão Mogol, sendo então uma ligação que totaliza 21 km entre a Fazenda do Barão de Grão Mogol a cidade de Grão Mogol, visto que dentro do parque são apenas 13 Km, estes são fechados para visitação. Está localizada na Serra Geral, também conhecida como serra da bocaína que constitui a Cadeia do Espinhaço, uma cadeia de serras com



formações predominantemente quartzíticas que se estende na direção norte-sul, entre a Bahia e Minas Gerais, com altitudes que variam desde os 700 até os 2.000 m acima do nível do mar (Giulietti & Pirani 1988; Harley 1995) A vegetação da região é descrita como rasteira e de pequeno porte, típicas de campos rupestres. Nas chapadas predominam os cerrados com suas variações, destacando cerrado baixo, representado por árvores como pequiheiro, a lixeira e o pau terra, entre outras e a caatinga arbustiva com a presença de espécies como bromélias e cactáceas (IEF - Regional Norte, 2017)

A composição florística foi determinada através das coletas da vegetação, ao longo dos 13 Km de distância da trilha, o material coletado foi identificado por indivíduo e quilômetro de localização, os mesmos foram condicionados em sacos plásticos com passagem de ar. O material foi depositado no herbário MCCA do Instituto de Ciências Agrárias da UFMG.

Resultados e discussão

Foram encontradas 82 espécies distribuídas em 39 famílias (Gráfico 1), sendo as mais diversas Leguminosae, Asteraceae, Melastomataceae, Malpighiaceae, Eriocaulaceae e Euphorbiaceae. Todas as espécies encontradas são típicas de campos rupestres, o que evidencia o alto grau de preservação da trilha. A vegetação é notavelmente descontínua, por estar em afloramentos, formando pequenos mosaicos vegetacionais, não diferindo visualmente os trechos próximos e afastados da trilha. Devido esta representatividade florística, o trajeto apresenta grande potencial educativo para a conscientização sobre esta vegetação.

Foram encontradas duas espécies vulneráveis a extinção (*Chamaecrista stillifera*, *Chamaecrista stillifera*), uma vulnerável a extinção com primeiro registro em Grão Mogol (*Esterhazyca caesarea*), três em perigo de extinção (*Esenbeckia irwiniana*, *Stenandrium hatschbachii* e *Maschalostachys markgrafii*) e uma endêmica de grão Mogol (*Alternanthera markgrafii*) não avaliada. A grande quantidade de endemismos nos campos rupestres justifica o grau de ameaça das espécies encontradas, principalmente por ocorrerem em áreas que sofreram com a mineração no passado, e que atualmente sofrem com a perda de qualidade do habitat em decorrência de incêndios por manejo de pastagens e atividades agrícolas. A utilização da Trilha do Barão para visitação requer uma estruturação adequada do parque, com profissionais capacitados a transmitir orientações quanto ao uso correto da trilha, além de roteiros didáticos quanto aos aspectos históricos e naturais da área, para que os objetivos educativos sejam alcançados.

Conclusão/Conclusões/Considera es finais

A Trilha do Barão do Parque Estadual De Grão Mogol apresenta uma composição florística rica em espécies (82) típicas de campos rupestres, apresentando grande potencial educativo para a conscientização sobre esta vegeta o. Entretanto, considerando a singularidade da Cadeia do Espinhaço e as espécies ameaçadas encontradas ao longo da trilha, seu uso para visitação precisa ser estruturado e orientado, para que se alcance os objetivos ecoturísticos sem prejudicar a conservação da biodiversidade.

acredita-se que a grande riqueza florística seja devido especialmente à grande variedade de paisagens e tipos fitofisionômicos.



Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto estadual de florestas-IEF e Universidade Estadual De Montes Claros, por todo apoio prestado para desenvolvimento do trabalho.

Referências bibliográficas

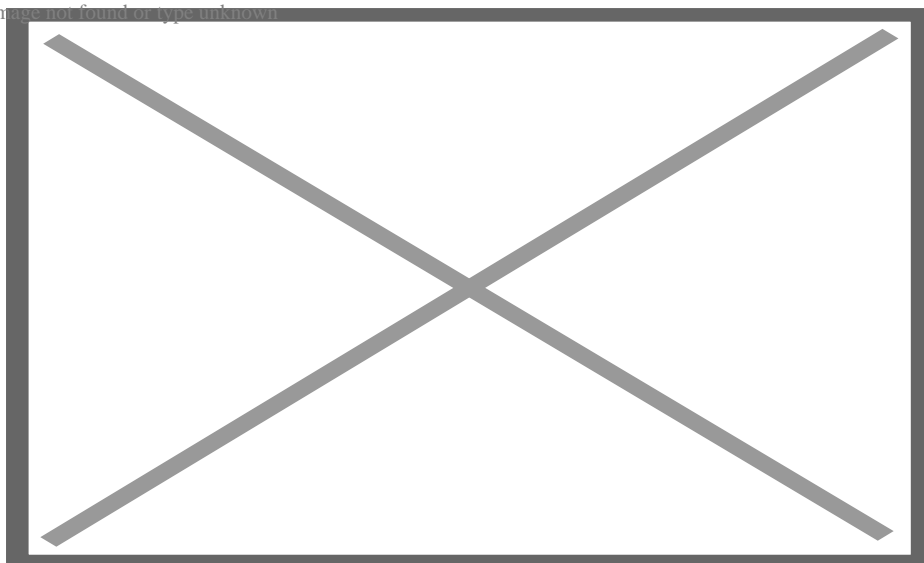
Menezes, N.L. & Giuliatti, A.M. 2000. Campos rupestres. *In*: Mendonça, M.P. & Lins, L.V. (eds.). Lista vermelha das espécies ameaçadas de extinção da flora de Minas Gerais. Fundação Biodiversitas, Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte, Belo Horizonte. Pp. 65-73.

Giuliatti, A.M. & Pirani, J.R. 1988. Patterns of geographic distribution of some plant species from the Espinhaço Range, Minas Gerais and Bahia, Brazil. *In*: Vanzolini, P.E. & Heyer, W.R. (eds.). Proceedings of a Workshop on Neotropical Distribution Patterns. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro. Pp. 39-69.

Harley, R.M. 1995. Introdução. *In*: Stannard, B.L. (ed.) Flora of the Pico das Almas, Chapada Diamantina, Bahia, Brazil. Royal Botanic Gardens, Kew. Pp. 43-76.

<http://www.ief.mg.gov.br/areas-protegidas/202>

Image not found or type unknown



Realização:



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO
E INOVAÇÃO SUPERIOR



Apoio:



Image not found or type unknown

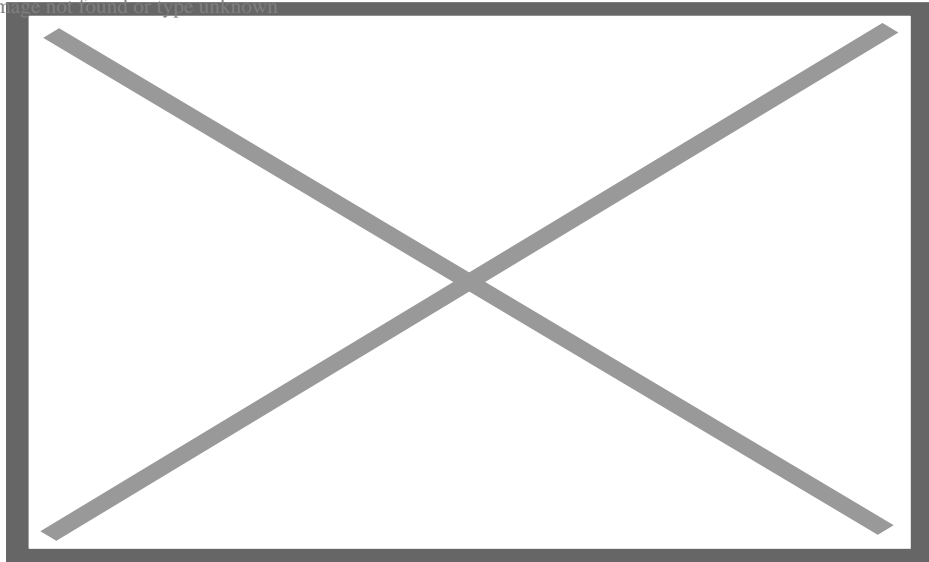
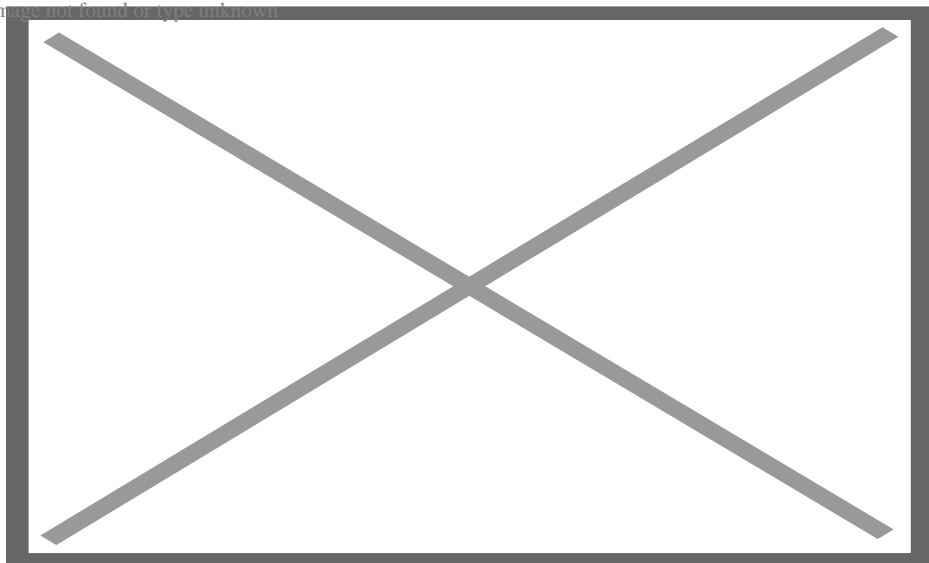


Image not found or type unknown



Realização:



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO
E INOVAÇÃO SUPERIOR



Apoio:



Image not found or type unknown

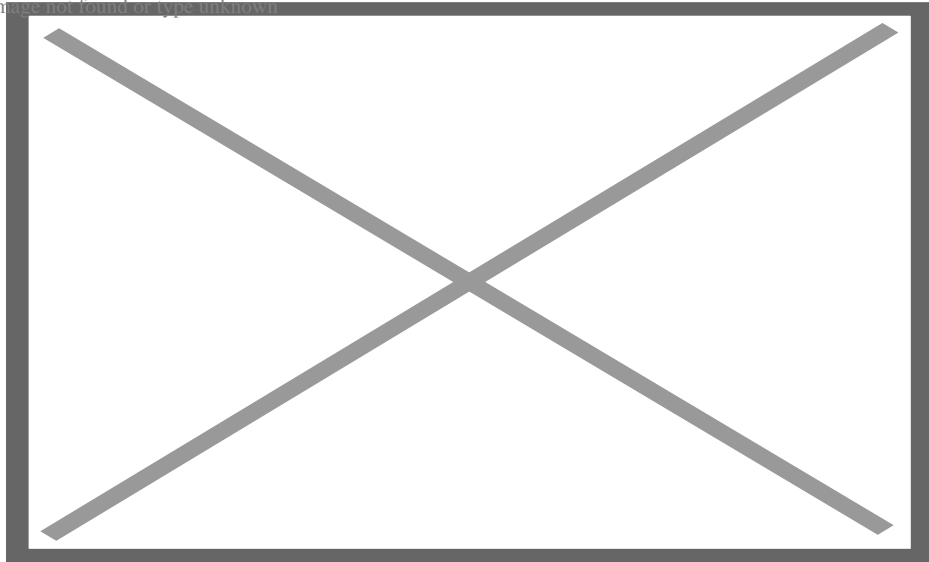


Image not found or type unknown

